



O BOM E O MAU CORONEL: REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORONELISMO NA OBRA DE BERNARDO ÉLIS E NA HISTORIOGRAFIA

Eliézer Cardoso de Oliveira *

Universidade Estadual de Goiás - UEG

ezi@uol.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as representações do coronelismo na obra do escritor regionalista goiano Bernardo Élis e o seu impacto na historiografia. Embora o aspecto mais destacado na obra bernardiana seja a representação do coronel como um ser sádico, mesquinho e covarde, há também uma representação dele como homem honesto, empreendedor e civilizador. Portanto, essa ambiguidade confere precisa ser considerada quando da utilização da literatura como fonte histórica.

PALAVRAS-CHAVES: Coronelismo, Bernardo Élis, História e Literatura, historiografia goiana.

GOOD AND BAD COLONEL: REPRESENTATIONS ABOUT THE COLONELISM IN BERNARDO ELIS LITERARY WORK AND HISTORIOGRAPHY

ABSTRACT; The objective of this paper is to analyze the representations of the colonelism in the work of the regionalist writer Bernardo Elis and its impact on historiography. Although the most prominent aspect in *bernardiana* work literary is the representation of the colonel as a human being sadistic, greedy and cowardly, there is also a representation of him as an honest man, enterprising and civilizer. Therefore, this ambiguity needs to be considered when the use of literature as a historical source.

KEYWORDS: Coronelismo, Bernardo Elis, history and literature, goiana historiography.

INTRODUÇÃO

* Doutor em Sociologia pela UnB. Professor do Curso de História e do Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis, Goiás.

O aspecto social mais destacado na obra do escritor goiano Bernardo Élis é a sua crítica social ao coronelismo. Em suas obras mais conhecidas do público, como o romance *O Tronco* e o conto a “Enxada”, o autor denuncia a opressão que o coronel submete as populações rurais, exploradas quase ao limiar do desespero. A figura do coronel que emerge nesses textos é a de um homem sádico, mesquinho, covarde, ganancioso. Contudo, na literatura bernardiana, ao lado dessa representação impiedosa do coronel, existe uma outra mais amena e sóbria. Nela, o coronel é uma personagem coerente com o seu tempo e lugar, um homem honesto, empreendedor, que na ausência do Estado exerce uma função civilizatória no ambiente rude do sertão goiano.

Essa ambiguidade moral do coronel na representação literária não é em si um problema. O que é mais preocupante é que a representação negativa do coronel transcendeu o universo da ficção e, em alguns casos, serviu como argumento para as análises dos historiadores sobre o coronelismo. Os historiadores e os demais intérpretes da obra de Bernardo Élis, situados em um ambiente urbano e mais democrático, absorveram apenas a crítica social ao coronelismo e fecharam os olhos para o papel positivo desempenhado pelo coronel em um ambiente rural e autoritário. Desse modo, o coronel foi relacionado ao lado sombrio da humanidade, enquanto as suas vítimas seriam os mártires da injustiça social.

Portanto, a hipótese que guia esse artigo é a de que a genialidade da produção literária de Bernardo Élis está na sua capacidade de ir além da fórmula reducionista do bem e do mal na representação do coronel. Embora a denúncia social do coronelismo seja o aspecto mais expressivo – e consequentemente o mais conhecido – da sua obra, nela há também uma representação menos estereotipada do coronel. Em alguns dos seus contos, o coronel é representado como uma figura equilibrada e até admirável em termos de probidade moral. Ao lado do “mau coronel”, há também a figura do “bom coronel”, embora esta última tenha ficado ofuscada diante da ressonância da crítica social em suas obras mais conhecidas.

Além de ambicionar uma compreensão mais verticalizada de um tema central da obra de Bernardo Élis, este artigo aborda as complexas relações entre História e Literatura, de modo mais específico, o uso da literatura como fonte e como argumento para as análises historiográficas.

Após as considerações de Hayden White, os historiadores cada vez mais abandonaram o pressuposto de que “a ficção é a antítese do fato”,¹ o que diminuiu os receios da utilização das obras literárias como fontes para o estudo do passado. Na verdade, ainda nos tempos do historicismo do século XIX havia justificativa para a utilização das obras literárias como fonte histórica, uma vez que a hermenêutica considera que todas as expressões humanas podem ser compreendidas na relação com o contexto temporal e espacial da sua produção. Todos os seres humanos não apenas vivem, mas compreendem, ao seu modo, a história. E quanto mais subjetivas, mais as fontes possibilitam, não apenas mostrar a vivência, mas também o modo como os sujeitos compreendem o mundo a sua volta. Por isso, um historicista como Dilthey afirmar que “a autobiografia é a forma mais elevada e mais instrutiva, na qual a compreensão da vida vem ao nosso encontro.”²

Descontando as diferentes diferenças de gênero, a obra literária também é uma reflexão do homem sobre o seu processo vital. Ela muitas vezes fala de um outro mundo criado na imaginação do autor, mas invariavelmente revela a compreensão do autor sobre o mundo em que vive. Todo o escritor tem que ser também um pouco de antropólogo e sociólogo, um conhecimento adequado das relações culturais e sociais é imprescindível para que o mundo da ficção tenha verossimilhança. Por isso a Literatura se torna cada vez mais uma fonte importante para a História Cultural:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou a clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver as sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para o estudo do imaginário.³

Além dessas possibilidades elencadas por Sandra Pesavento na utilização das obras literárias como fonte histórica, pode-se acrescentar mais uma bastante significativa: a Literatura mostra uma realidade muito mais complexa, pois não se preocupa em esconder as ambiguidades, as dissonâncias, as contradições e os paradoxos. O texto literário permite uma pluralidade discursiva, já que os diversos pontos de vistas – do autor, do narrador, das diferentes personagens – são expressos

¹ WHITE, Hayden. **Metahistória**. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 42.

² DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Trad. Marcos Casanova. São Paulo: Editora da Unesp, 2010. P 178.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 82.

lado a lado. O uso da Literatura como fonte possibilita minimizar uma das limitações da narrativa histórica, que na sua tessitura do passado, esconde “as costuras, os chuleados, os nós e as laçadas.”⁴ A Literatura ajuda a mostrar o avesso do passado.

Contudo, o uso da obra literária como fonte do estudo do passado requer um cuidado maior do que as outras fontes. O historiador precisa fazer um trabalho duplo: primeiro, a clássica operação de crítica documental na qual o texto serve de documento da época em que foi escrito; segundo, uma operação de interpretação literária, na qual se busca o modo como determinado tema é construído e interpretado pelo autor. Portanto, para uma utilização coerente da literatura como fonte histórica, é preciso um conhecimento mais global da produção literária de um autor, para mapear a compreensão da sua vivência. Por exemplo, não é pertinente, para uma reflexão sobre o coronelismo em Goiás, utilizar de maneira isolada apenas o conto “Enxada”, sob o risco de se ter uma visão estereotipada do coronel. Portanto, a Literatura pode e deve ser vista como um documento histórico de uma época, mas não se pode esquecer também que ela é um documento estético.

Com esses cuidados, é possível uma leitura da obra de Bernardo Élis, com a proposta que Chiara Vangelista levou a cabo na análise do conto “Meu tio o Iauaretê” de Guimarães Rosa, considerado como “uma interpretação culta e refinada, seja na construção, seja nas formas de expressão, seja na escolha das temáticas, das fronteiras brasileiras.”⁵

A vivência de Bernardo Élis possibilitou-lhe elementos para uma interpretação refinada da fronteira goiana. Nasceu em 1915, na centenária cidade de Corumbá de Goiás, filho do poeta Érico José Curado e de Maria Fleury Curado. Apesar de o sobrenome “curado” ser de família tradicional, Bernardo Élis teve uma vida modesta, típica de um integrante da classe média urbana, já que o pai era um pequeno comerciante em Corumbá⁶. Mesmo assim, teve condições de aproveitar as melhores

⁴ ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 31.

⁵ VANGELISTA, Chiara. “Meu tio o Iauaretê”: um homem onça nas fronteiras brasileiras. In. DE DECCA, Edigar S.; LEMAIRE, Rita. **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. São Paulo: Ed. da Unicamp; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. P. 55-65. p. 57.

⁶ De acordo com Gabriel de Paula, Bernardo Élis, em suas memórias, ora “a família ora se apresentava como abastada ora ao contrário”. O escritor chega a informar que a mãe chegava a trabalhar de costureira para ajudar nas despesas. Contudo a tradição do nome familiar, ligado a uma das tradicionais “oligarquias locais do Estado de Goiás, era portadora de significativo capital simbólico,

oportunidades de formação intelectual disponíveis em Goiás: fez o curso ginásial no Liceu e o curso jurídico na Cidade de Goiânia. A vivência de Bernardo Élis foi marcada por oportunidades de conhecer universos díspares: viveu junto às antigas oligarquias da Cidade de Goiás e também trabalhou no serviço público de Goiânia; conheceu de perto a República Velha e o Estado Novo, o mundo rural e o mundo urbano; foi delegado de polícia e também professor e escritor; pertenceu uma família oligárquica, mas se filiou ao partido comunista;⁷ nasceu no sertão, mas foi reconhecido pelo litoral, ao ser eleito pela Academia Brasileira de Letras em 1975.

Esse artigo está dividido em dois tópicos principais, denominados de “mau coronel” e “bom coronel”. Eles mapeiam respectivamente a crítica e a aceitação do coronelismo presentes na literatura bernardiana. Nas considerações finais, essa representação literária do coronel é cotejada com a produção historiográfica, procurando realçar as aproximações e distanciamentos entre as duas leituras sobre o coronelismo.

O MAU CORONEL

No conto, “A enxada”, o coronel Elpídio é uma figura inflexível, que obriga o pobre Supriano, conhecido pela alcunha de “Piano”, a plantar a roça, como forma de saldar uma dívida. Quando Piano, educadamente, pergunta pela enxada para poder plantar o arroz, Elpídio, com a boca cheia de ojeriza, esbraveja: “Nego à toa, não vale a dívida e ainda está querendo que te dê a enxada!”⁸ O pior de tudo é que além de não emprestar a enxada, o coronel proibia todos os comerciantes de venderem a prazo para os seus camaradas. Como era prática no coronelismo, era “ele é que fornecia enxada, mantimento, roupa e remédio para seus empregados.”⁹ Piano era bem quisto pelos vizinhos, mas eles detestavam o coronel. Por isso, quando pediu a enxada emprestada ao

político e econômico”. In. PAULA, Gabriel de. **Bernardo Élis**: de Corumbá de Goiás ao mar. Dissertação (Mestrado em História), UFG, 2014. p. 20.

⁷ O próprio Bernardo Élis reconhece o efeito disso em sua vida: “Falaremos de um acontecimento que me marcou definitivamente sob o ponto de vista social, sentimental, histórico, político etc. Tal acontecimento se deu em 1943/45 – foi meu ingresso no Partido Comunista do Brasil.” (In. Paula, 2014, p. 72).

⁸ ÉLIS, Bernardo. A enxada. In TELES, Gilberto Mendonça (Org.). **Melhores contos de Bernardo Élis**. São Paulo. Global, 2003. p. 73-98. p. 76.

⁹ Ibid., p. 77.

seu Joaquim, ouviu como resposta: “pra você eu te dou tudo; praquele miserável num dou nadinha dessa vida.”¹⁰

Elpídio é retratado como uma figura arrogante, “muito rei de sua homênia”, fazendo questão de demonstrar os símbolos de sua valentia: “o patrão chegou com rompante, enorme em riba da mulona, as esporas tinindo, as armas sacolejando.”¹¹ Por outro lado, Piano é humilde, cordato, honesto, trabalhador, qualidades que não foram suficientes para que conseguisse uma enxada para plantar a roça e saldar a dívida com o coronel. Desesperado, o camponês planta a roça com um pedaço de madeira e com as próprias mãos: “tafulhava o toco de mão no chão molhado, desimportanto de rasgar as carnes e partir os ossos do punho.”¹² Demonstrando uma insensibilidade extrema com a dor humana, seu Elpídio ordena que dois soldados matassem o indefeso e subserviente Piano, mesmo ele tendo tentado cumprir desesperadamente a sua parte no trato. Seu Elpídio exalava maldade, com os “seus dentes de ouro relumiando o fogo de satanáis.”¹³ O conto “A enxada”, no dizer de Herman Lima é um exemplo de “páginas terríveis e necessárias [...] que nos machucam a sensibilidade e o gosto.”¹⁴ Na mesma linha, Nelly Almeida, afirma que o conto exala uma “verdade gritante, triste, terrível, que vemos, que sentimos todos os dias, mas que calamos.”¹⁵

Outro coronel Elpídio odioso – será que Bernardo Élis tinha algo contra esse nome? – é retratado no conto “Dona Sá Donana”. Filho da personagem que nomeia o conto, integrando uma família tradicional em decadência,

Bruto e arrogante, Elpídio trazia o pessoal sob um regime de terror. Terto, Zeferino e Calixto plantavam, colhiam e recebiam o necessário para não morrerem de fome e o restante da safra entregavam para seu Elpídio. Viviam seminus, abobalhados, catuzados dia e noite em riba da enxada, mode sustentar o patrão.¹⁶

¹⁰ ÉLIS, Bernardo. A enxada. In TELES, Gilberto Mendonça (Org.). **Melhores contos de Bernardo Élis**. São Paulo. Global, 2003. p. 73-98, p. 74.

¹¹ Ibid., p. 77.

¹² Ibid., p. 93.

¹³ Ibid., p.94.

¹⁴ LIMA, Herman. Veranico de Janeiro. In. ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. xii-xix. p. 13.

¹⁵ ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos sobre quatro regionalistas**. Goiânia: Editora da UFG, 1968. p. 52.

¹⁶ ÉLIS, Bernardo. Dona Sá Donana. In. ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. P. 101-136. p. 108.

Sua mãe, Sá Donana, vivia no antigo casarão da família, junto com seu filho caçula, Dondom que, “embora homem, a mãe considera uma criancinha inocente e desamparada”¹⁷ e com duas serviçais, descendentes de escravos: a sexagenária Evona e sua sobrinha Boiota. “As duas negras não tinham calçado, vestiam saíotes de algodão tecido em casa por elas próprias, estavam constantemente imundas.”¹⁸ Mostrando o ambiente de depravação sexual no âmbito do coronelismo, o conto informa que Boiota engravidava frequentemente do filho da patroa e os seus filhos eram distribuídos como animais: “na impossibilidade de presentear os amigos com bezerro, joias ou dinheiro, dava-lhes os curumins de Boiota.”¹⁹

Embora de modo mais sutil, a depravação sexual e insensibilidade dos coronéis é o tema do conto “A Virgem Santíssima no quarto de Joana”. A menina Joana vivia na casa do coronel Rufo, ajudando nos afazeres domésticos. Assim que começou a “desenvolver formas de mulher” passou a ser cobiçada pelos homens: “o coronel mesmo gostava de lambar com os olhos as pernas da menina.”²⁰ Contudo, quem seduz a mocinha, com promessa de casamento, é Dedé, o filho do coronel. Indignados com a possibilidade de o filho casar com uma criadinha, o coronel e sua esposa obrigam-na a casar com o coveiro e, quando ela tentou argumentar que o filho era de Dedé, foi insultada: “além de perdida, mentirosa, ingrata!”²¹

O coveiro era uma figura “áspera e brutal” do qual havia suspeita de devorar carne de criancinhas. Joana engravida-se de seu repugnante marido, mas o filho nasce morto. Ao deparar com “aquela caricatura humana” e “inconscientemente” perceber “a sua grande inutilidade”, o coveiro, numa covarde vingança, morde coxa do filho de Dedé, até chegar ao osso. O delegado e o filho do coronel, agora um respeitável doutor, encontram Joana definhando por causa de complicações no parto com filho dela e de Dedé morto nos braços. Insensível, o doutor “empurrou-a com o pé, olhou bastante para

¹⁷ ÉLIS, Bernardo. Dona Sá Donana. In. ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. P. 101-136, p. 106.

¹⁸ Ibid., p. 108.

¹⁹ Ibid., p. 109.

²⁰ ÉLIS, Bernardo. A Virgem Santíssima no quarto de Joana. In. Élis, Bernardo. **Caminhos dos Gerais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 89-101. p. 92.

²¹ Ibid., p. 95.

a cara do menino”²² e ainda teve a preocupação de evitar “um salpico de sangue no linho.”²³ O filho romântico que prometeu amores agora se tornou como o pai. Conforme as palavras de Luiz Marchezan “o traço do poder que desumaniza havia migrado do coronel para seu filho”²⁴ e o mesmo reproduzira a truculência a injustiça.

No romance *O Tronco*, baseado em eventos históricos ocorridos nos idos de 1917 e 1918 em São Jose do Duro (atualmente Dianópolis-TO), Bernardo Élis é mais comedido na sua crítica ao coronelismo. O romance aborda o conflito entre os coronéis Pedro Melo e seu filho Artur Melo e o coletor Vicente Lemes e o juiz Valério Ferreira, por causa do arrolamento de um inventário que estava sendo manipulado pelos coronéis. Obrigados sob o peso das armas pelos coronéis a omitir parte consideráveis dos bens do falecido, o juiz e o coletor denunciam a intimidação às autoridades estaduais. O governo do Estado, ocupado por adversários políticos dos Melo, envia uma comissão policial, chefiada pelo juiz Carvalho, para investigar os desmandos praticados pelos coronéis. O conflito entre a polícia e os jagunços a serviço dos Melo provoca a morte de Pedro Melo e culmina com a chacina, pela polícia, de nove pessoas, parentes e amigos dos coronéis, presas a um tronco, servindo de reféns para inibir a invasão da vila pelos jagunços.

A crítica aos desmandos dos coronéis permeia todo o romance. Pedro Melo, por exemplo, é retratado como um homem violento, que por conta de uma desfeita com o sobrinho, ordenou que seus capangas o atacassem, deixando inconsciente. O coronel, então, “alumiou a cara do bêbado tombado no chão. Clareou e meteu fogo, arrebetando-lhe os miolos.”²⁵ Na sua arrogância e despotismo, ainda ordenou que o corpo fosse recolhido e levado até a viúva: “um capado para você limpar” troçou o coronel. O medo da família do defunto era tão grande que temia ate “chorar e esse choro despertar a ira do poderoso senhor.”²⁶

Os Melo, como verdadeiros déspotas do sertão, tratavam muito mal os empregados domésticos: “viviam as criadas maltratadas, mal vestidas, metidas de seco e verde no trabalho duro de rachar lenha, fazer farinha, pilar arroz, desleitar as curraleiras,

²² ÉLIS, Bernardo. A Virgem Santíssima no quarto de Joana. In. Élis, Bernardo. **Caminhos dos Gerais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 89-101. p. 100.

²³ Ibid., p. 92.

²⁴ MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Introdução In. ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p IX-XXIX, p. XIX.

²⁵ ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo: José Olympio, 1974. p. 42.

²⁶ Ibid., p. 43.

cuidar da casa, fiar e tecer algodão, lavar e passar roupa, fazer de tudo no final das contas.”²⁷ Além do mais, como os senhores das Casas Grandes nordestinas descritos por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, os coronéis viviam num ambiente de intoxicação sexual: “Novinhas ainda, as “cria da casa”, como eram chamadas as filhas desse criados, prostituíam-se com os patrões, com os parentes dos patrões, com os camaradas.”²⁸

O romance também denuncia a verdadeira assimetria nas relações de trabalho no sistema coronelístico. A prática consuetudinária da quarta era desvirtuada pelos Melo:

Nas fazendas de Artur, como na de todos os criadores, de cada quatro bezerros nascidos um pertencia ao vaqueiro. Mas se um boi espaduava, se morria, se sumia, se era roubado por índios, quem pagava era o vaqueiro. O resultado era que o vaqueiro estava sempre endividado.²⁹

Endividados, os empregados tornavam-se quase como escravos dos fazendeiros: “Baianinho ali estava como um cativo. Era camarada do coronel Batista, a quem ficara devendo um despropósito. Dívida fantástica, dívida inventada pelo coronel. Baianinho comprova uma rapadura, o coronel assentava duas em sua conta.”³⁰

Pedro Melo, “com seu porte arrogante, com seu semblante duro”,³¹ como uma barba longa, vestido com roupa de couro, “montado na sua grande mula, a maior de que havia notícia naquela região”³² era o líder incontestado do lugar. Poderoso e desonesto, já que certa vez roubou o erário da coletoria e colocou a culpa em bandoleiro.³³ Contudo, diferentemente de o conto “A enxada”, quando o coronel Elpídio é demonizado, em *O tronco*, aparecem algumas descrições positivas dos coronéis. Pedro Melo, por exemplo, é visto como “um homem inteligente, sagaz, audacioso, de ambição sem limites, duro feito uma aroeira” [...] que amava o trabalho, a pontualidade, a energia e a força. Amava a vida rude e simples.”³⁴

²⁷ ÉLIS, Bernardo. *O tronco*. São Paulo: José Olympio, 1974. p.56.

²⁸ Ibid., p. 56.

²⁹ Ibid., p. 72.

³⁰ Ibid., p. 88.

³¹ Ibid., p. 70.

³² Ibid., p. 67.

³³ Ibid., p. 65.

³⁴ ÉLIS, Bernardo. *O tronco*. São Paulo: José Olympio, 1974. p. 57.

De todos os livros de Bernardo Élis, o que mais expressa a sua crítica social foi o romance *A terra e as carabinas*, publicado em 1957 e escrito numa época que o autor estava muito engajado na militância do Partido Comunista. Por isso o tema do livro é o cotidiano dos militantes comunistas em Goiás, defendendo a derrubada do Governo pela revolução proletária. Essa explícita vinculação político-partidária contribuiu para a pouca visibilidade do livro no conjunto das obras do autor.

A terra e as carabinas narra as desventuras do sitiante Totinha, sempre oprimido pelos patrões, até conhecer uma família de militantes comunistas e participar ativamente das lutas dos camponeses. O romance, implicitamente utilizando argumentos marxistas, faz uma contundente denúncia ao coronelismo. Os coronéis são paradigmáticos da vil exploração do ser humano pelas classes dominantes.

Jeromão, um dos patrões de Totinha, era um velho de setenta anos, mas era “forte, bem disposto, enérgico que nem cão”.³⁵ Obrigava os empregados a trabalhar numa jornada estafante, quase no limite do suportável, o que não lhes garantia um rendimento digno. Pelo contrário, quanto maior era o trabalho, maior a dívida dos empregados: “Totinha, por exemplo, devia a Jeromão duzentos mil reis. Não conseguia pagar nunca essa quantia que agora já subia a quase trezentos, com os juros e adiantamentos.”³⁶

Jeromão, apesar da disposição para o trabalho, a voz de trovão para insultar os empregados, no fundo era um covarde. Certa vez, foi confrontado por um bêbado e “ficou com medo” e, enquanto lágrimas corriam por suas faces, “começou a gritar por socorro”: “será que não tem um homem aqui para defender um velho como eu! Estão me destrutando na frente de minhas filhas, meu Deus!” Totinha, comovido pelo apelo do patrão, sai em sua defesa, mas Jeromão o deixa sozinho apanhando até perder os sentidos. Noutro dia, em meio às gargalhadas, o coronel ainda troçou: “Óia, o Gerônimo bebeu, pegou Totinha no curral e deu-lhe uma coça de aleijar. Quá, quá, quá”.³⁷ Os poderosos só são corajosos quando estão diante dos mais fracos, como é o caso do capitão de polícia: “Siqueira era um homem muito “valente” para quem estivesse preso ou algemado: gostava de humilhar as pessoas indefesas.”³⁸

³⁵ ÉLIS, Bernardo. *A terra e as carabinas*. Goiânia: R&F Editora, 2005. p. 14.

³⁶ *Ibid.*, p. 12.

³⁷ *Ibid.*, p. 45.

³⁸ ÉLIS, Bernardo. *A terra e as carabinas*. Goiânia: R&F Editora, 2005. p. 72.

Os coronéis viviam em meio ao luxo e à riqueza, ao ponto de uma camponesa que “fora uma vez à casa do fazendeiro e ficou até tonta com tanta comida, porção de bebida fina, muito doce, automóveis...”³⁹ Já os empregados viviam em meio a escassez e ao arbítrio. Nesse sentido, os sofrimentos de Totinha são ilustrativos dos sofrimentos de sua classe. Na fazenda de Jeromão, ele iniciava o trabalho a uma hora da manhã e terminava ao escurecer, jantava um feijão carunchado sem gordura e tentava dormir, o que era difícil, já que “os filhos choravam, mexendo-se nos panos úmidos de urina, protestando contra o ventinho firo que navalhava as carnes, entrando pelos vãos do pau-a-pique da parede do paiol e por entre as telhas mal juntadas.”⁴⁰ Certa vez, no desespero para colocar a cana na moenda, escorregou-se na lama e teve uma de suas mãos esmagadas.⁴¹ Totinha foi para a cidade fazer o tratamento, ocasião em que ficou hospedado com parentes “que moravam num ranchinho feito de barro e de tábuas, coberto em parte de telhas e em parte de capim. Eram seis pessoas dentro daqueles miseráveis dois cômodos: cozinha e uma sala grande onde todos dormiam.”⁴² Por falta de dinheiro para custear o tratamento, “a ferida do braço virou uma ferida fedorenta, purgou o quanto quis e afinal secou com ajuda do tempo.”⁴³ Totinha, não recebeu nenhuma indenização do patrão pelo acidente de trabalho, já que o inquérito foi manipulado e camponês foi acusado de ter trabalhado bêbado e de provocar o acidente deliberadamente para receber a indenização.⁴⁴

A sorte de Totinha começa a mudar, quando passa a morar com o casal Carijó-Jacinta, militantes comunistas, que pretendia mobilizar os trabalhadores. Por causa da repressão policial, é expulso da cidade e passa a ser arrendatário nas terras do coronel Agostinho dos Anjos, um coronel de voz macia e delicada, mas que explorava intensamente os seus empregados. Só que desta vez Totinha estava politizado: ingressa numa liga camponesa e junto com os outros consegue baixar a taxa de arrendo de 50 para 20 por cento. Destoando do final trágico de suas obras, em *A terra e as carabinas* o

³⁹ ÉLIS, Bernardo. *A terra e as carabinas*. Goiânia: R&F Editora, 2005. p. 49.

⁴⁰ Ibid., p. 15.

⁴¹ Ibid., p. 18.

⁴² Ibid., p. 25.

⁴³ Ibid., p. 31.

⁴⁴ Ibid., p. 82.

a mensagem é de esperança para os camponeses: a união era a única arma para vencer a força dos coronéis.

O BOM CORONEL

Em vários momentos da obra de Bernardo Élis, aparece a figura de alguns coronéis que possuem um caráter diferenciado de seus congêneres no que tange ao comportamento moral. Nem todo o coronel que emerge das obras de Bernardo Élis é uma figura prepotente. No próprio romance *O Tronco*, aparece um modelo de coronel bem diferente do protagonizado pelos Melo:

Foi lá em Santa Maria de Taguatinga. O chefe político mais forte de lá era contra Artur, mas era um homem delicado, que não gostava de agravar ninguém. Um dia Artur com seus rapazes entrou no povoado, madrugadinha, dando tiros e gritos, aparearam na porta da igreja e desfilaram pelo largo. _ Menino, o tal sujeito delicado virou um canguçu. Num “vupe” arreuniu seu povo e se nós não saíssemos ligeiro, se não, era aquele sobrosso .⁴⁵

Percebe-se que o coronel de Santa Maria de Taguatinga tem um comportamento oposto aos Melo: ele parece ser um homem cordato, mas não se acovardou quando foi provocado; já Pedro e Arthur Melo se mostram prepotentes, mas se acovardaram em momentos cruciais.⁴⁶

No conto “André Louco”, o coronel Bento Correia era a pessoa mais poderosa do lugar: “O coronel era quem receitava remédios, mandava no delegado, mandava no Juiz, no Promotor, na igreja.”⁴⁷ Apesar do imenso poder, era uma das pessoas mais equilibradas e sóbrias que transparece no conto, sendo uma das poucas que, de fato, tomou alguma atitude para minorar o sofrimento de André:

Um dia, André gritou demais da conta. O coronel se incomodou. Foi lá e perguntou a João Manuel se davam água ao doente. _ Nhor não, coroné. Ele já botô fora mais de cinco copos da gente. Cada um custa 5\$00, a gente num ganha nem isso numa semana. Seu coronel deu um

⁴⁵ ÉLIS, Bernardo. *O tronco*. São Paulo: José Olympio, 1974, p. 71

⁴⁶ Eliézer Oliveira demonstrou que tanto os Melo e o Juiz Carvalho, que procuram construir uma aura de bravura em torno de si, “nos momentos críticos, portaram-se covardemente: o velho Arthur Melo acovardou-se perante os soldados, seu filho Arthur Melo presenciou a morte do pai sem reagir, o juiz abandonou a cidade para não enfrentar os jagunços dos Melo.” In. OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Entre o fascínio e o horror: a literatura catástrofe em Goiás. *Revista Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 4, n. 4, 2007. p. 1-20. p 7.

⁴⁷ ÉLIS, Bernardo. André Louco. In. ÉLIS, Bernardo. *André Louco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. P. 3-49. p. 9.

copo d'água para o louco e nesse resto de dia e resto de noite o coitadinho não deu um pio sequer.⁴⁸

Diante da ausência do Estado, o coronel chamava a si a responsabilidade na promoção de benefícios para a comunidade: “As condições do município eram más. Foi preciso que se tomasse dinheiro emprestado ao coronel para mandar reformar o calabouço que André arrombara com as unhas.”⁴⁹ No conto “André Louco”, o coronel, além de chefe político, é o guardião da ordem pública, uma espécie de banco de financiamento público para a promoção de obras de interesse coletivo.

Em nenhum outro conto, a questão da probidade moral do coronel é levado tão a sério como em “Sua alma, sua palma”. O major Erculino era o homem mais importante da cidade, “era o chefe político, era rico, diziam que terrivelmente honesto e sobretudo perigoso, matreiro, cruel.”⁵⁰ Apesar disso, sempre houve rumores questionando a lisura moral, a origem da sua riqueza e a sua coragem. Já velho e doente, o coronel pretende fazer uma confissão pública que supostamente abalaria a sua reputação de homem valente e corajoso, mas é impedido pelo seu filho e filha. Diante disso, ele repassa, escondido, uma carta ao seu enfermeiro, em que esclarece um aspecto espinhoso da sua biografia.

Na carta, Erculino relata que, há 35 anos, quando era um jovem e idealista pregador protestante, viveu em Jaratataca, uma vila de garimpeiros decadentes. No lugar havia um estranho ritual no qual os ladrões eram amarrados num jatobazeiro e eram invariavelmente fuzilados no sábado de manhã, quando os garimpeiros retornavam para a vila. Havia um garimpeiro chamado Paratudo cujo maior sonho era ser o primeiro a atirar em alguém amarrado no Jatobá e por isso ficava desde sexta-feira de vigília esperando a macabra oportunidade.

Numa sexta-feira, um garimpeiro, chamado Brisdo solicitou ao inspetor de quarteirão, o chefe político do lugar, e ao pregador protestante ajuda para encontrar cinco graúdos diamantes que havia perdido. O inspetor, após se separar do trio para procurar os diamantes, volta afirmando que o responsável pelo furto era Saquinho, “um

⁴⁸ ÉLIS, Bernardo. André Louco. In. ÉLIS, Bernardo. **André Louco**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. P. 3-49. p. 9.

⁴⁹ Ibid., p. 24.

⁵⁰ Ibid. p. 77.

imbecil muito conhecido do lugar”,⁵¹ e que, portanto, o mesmo deveria ser amarrado no jatobá. Erculino, acreditando que o Saquinho era inocente, opõe-se tenazmente ao projeto do inspetor. O inspetor, então, acusa o protestante de ser o ladrão dos diamantes e ameaça amarrá-lo no jatobá no lugar do bobo. Intimidado pelas armas e com medo de ser amarrado, concordou, finalmente, em amarrar o Saquinho, na esperança de que:

convenceria o Inspetor a soltá-lo. Que o soltasse e mandasse embora. Eu mesmo o levaria para nunca mais deixa-lo voltar àquele garimpo. Tinha certeza. Ao cair da noite, com o escuro, o medo tomaria conta do coração do Inspetor e ele me autorizaria a soltá-lo antes do meio-dia de sábado, antes da hora em que os garimpeiros começassem a chegar e a atirar no pé de jatobá.⁵²

O “bobo”, conhecendo os desejos homicidas do garimpeiro de espreita, gritava desesperadamente “Paratudo”, mas não foi compreendido. Ao ser amarrado no Jatobá, foi atingido imediatamente por uma descarga de tiro.

O tempo passou e o jovem protestante tornou-se um coronel respeitável. Teve notícias de que o Inspetor de Quarteirão se tornou um homem muito rico, o que só alimentou a certeza de que foi ele que havia roubado os diamantes.

Apesar das dúvidas de seus conterrâneos, o major Erculino não se configura como uma pessoa má e desonesta. O seu desejo, provavelmente incitado pela sua fé protestante, de fazer uma confissão pública, demonstra o fardo de não ter tido coragem e forças suficientes para salvar um inocente. Ele talvez não fosse o modelo ideal de coragem atribuído aos coronéis, mas não era sádico e desonesto. Apenas um homem consumido pela culpa, com sede de verdade.

Outro conto em que Bernardo Élis explora o passado nebuloso dos coronéis é “Em que o mistério da conveniência explica a conveniência do mistério”, retratando um debate entre o Coronel Quinca Batista e um jovem promotor sobre a existência ou não de milagres. O coronel, um crente convicto, contou ser testemunha de um milagre, já que quando era jovem e pobre e sonhava em casar-se com Carmélia e vir morar em Goiás:

Mas cadê o jeito de conseguir isso? Entrava ano, saía ano e a coisa piorando, tanto que no natal de 1928 o pobre moço se ajoelhou diante do altar de uma igreja de Uberaba e pôs a chorar. Chorava de modo tão sentido e orava com tamanho fervor que nem deu fé de quando a

⁵¹ ÉLIS, Bernardo. Sua Alma, sua Palma. In. ÉLIS, Bernardo. **André Louco**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 65-89. p. 79.

⁵² Ibid., p. 88.

missa findava e o povo se ia. Despertou foi com a igreja vazia: aí se ergueu meio tonto, mas teve ainda a cabeça para pegar um pacote que alguém esquecera sobre o banco, ao seu lado.⁵³

Como estava cansado, o rapaz só foi se lembrar do pacote dias depois, quando estava em Araguari e encontrou a fortuna de 20 contos de reis em dinheiro vivo.

Na mesma noite em que ocorreu a conversa com o coronel, o promotor encontrou um homem bêbado e amargurado, dizendo impropérios sobre religião. O promotor veio a saber que o homem, em sua juventude, fora rico, sóbrio e honesto. Certa vez foi incumbido de receber a quantia de 20 contos de réis para o seu padrinho em Uberaba. Ao receber o dinheiro,

Embrulhou num pacote, para não dar na vista, e foi rezar uma ave-maria na igreja; daí saiu, tomou o trem no outro dia cedinho e quando chegou a Belo-Horizonte, botou a mão na cabeça! _ Ai, quede meu dinheiro, quede meu dinheiro!⁵⁴

Por causa disso, foi acusado de roubo, processado, preso, o pai morreu de desgosto, perdeu toda a fortuna, tornou-se alcóolatra e amargurado. Ao ouvir a história, o jovem promotor teve o ímpeto de confrontar o coronel Quinca Batista e reparar a injustiça. Contudo, ao pensar melhor, a conveniência falou mais alto do que a indignação: era candidato a genro do coronel e não se dispôs a enfrentar um homem poderoso que poderia colocar em risco a sua carreira e até a sua vida.

O decisivo no conto é que Coronel Quinca Batista não era um homem de má índole. Católico e devoto, acreditava sinceramente que o dinheiro foi fruto de um milagre. Não há nenhuma passagem no conto que desabone a conduta do coronel, pelo contrário, ele é descrito como “o homem mais poderoso de toda a região, de uma honestidade e de um prestígio que se contavam pelos seus 6.000 alqueires de terra de primeira e pelos outros tantos bois.”⁵⁵ Se há alguém com moral reprovável, este alguém seria o promotor, já que deixou os seus interesses materiais e a sua covardia suplantar o seu dever com a justiça.

No conto “Veranico de Janeiro”, a história versa sobre um moribundo que ficou sob os cuidados da pobre Chiquinha, trazendo-lhes grandes transtornos, pois o

⁵³ ÉLIS, Bernardo. Em que o mistério da conveniência explica a conveniência do mistério. In TELES, Gilberto Mendonça (Org.). **Melhores contos de Bernardo Élis**. São Paulo. Global, 2003. P. 47-55. p. 51.

⁵⁴ Ibid., p. 51.

⁵⁵ Ibid., p. 53.

homem “não morria, tomando o lugar das filhas, estorvando as noites de sono, obrigando a gente a pedir esmolas.”⁵⁶ A personagem mais odiosa do conto é o capitão Benedito, que “não fazia nada de proveitoso. Emprestava dinheiro a juro de 20, 30 e 50 por cento” (p. 10). Insensível ao sofrimento alheio era implacável nas cobranças: “de Manuel do Carmo tomou as panelinhas de barro que estavam no fogo.”⁵⁷ Já o coronel, o chefe político do lugar, apesar da ambição, é representado como uma pessoa sensata, proba e que amava a sua cidade: “morreria ali, onde era estimado de todos, onde tinha coisas, suas fazendas, seu gado, seus pastos, seus compadres, onde mandava e desmandava”.

Num ambiente rústico, marcado pelas ausências, o coronel, muitas vezes, exercia um papel civilizador. O coronel do conto “Um duelo que ninguém viu”, por exemplo, era um tropeiro “que tangera muitos burros pro essas estradas agressivas, em todos os sentidos, acordando ecos virgens nos ocos de brocotós, espantando pinhéns-pinhéns pelos gerais malvados de Goiás.”⁵⁸ A coragem e a liderança do coronel eram imprescindíveis para trazer um pouco de ordem nos recônditos dos lugares ermos de Goiás. Mesmo um homem prepotente, como o coronel Pedro Melo do romance *O Tronco*, tomou a frente, “como um general [...] dando ordens, distribuindo o pessoal no trabalho”⁵⁹ para construir uma importante estrada para carros de bois, contribuindo para o desenvolvimento econômico de São José do Duro.

Havia até coronéis com ideias progressistas. Em *As terras e as carabinas*, Casemiro, um agregado muito conservador, ficou indignado com as propostas modernizadoras de seu antigo patrão:

Pois num vê que eu morava na fazenda dos Abreus. Mas o diabo do fazendeiro era um homem besta como cão. Mandou chamar um professor na rua, fez uma sala, botou escola e pegou a exigir que meus filhos fossem estudar! Ora, tem graça! Se tudo quanto é menino vai estudar, quem é que amanhã vai pegar no duro, eim?⁶⁰

⁵⁶ ÉLIS, Bernardo. Veranico de Janeiro. In. ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 3-36. p.31.

⁵⁷ Ibid., p. 10.

⁵⁸ ÉLIS, Bernardo. Um duelo que ninguém viu. In. ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 13-18. p.14.

⁵⁹ ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo: José Olympio, 1974. p. 69.

⁶⁰ ÉLIS, Bernardo. **A terra e as carabinas**. Goiânia: R&F Editora, 2005. p. 13.

Logicamente que um coronel da estirpe dos Abreu, preocupado com a educação dos filhos dos empregados, devia ser bastante raro. No entanto, parece que a liderança política e econômica do coronel era importante para garantir a estabilidade social. No conto “Rosa” “as comitivas que vinham do sertão já na entrada da rua topavam uma pessoa do coronel que as conduzia para o rancho dele. Os chegantes tinham pasto pra os animais e acomodação para si.”⁶¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela dimensão e realismo, a obra de Bernardo Élis é preferida pelos historiadores e cientistas sociais como fonte de estudo do passado goiano. E quase sempre apenas o retrato estereotipado do coronelismo é considerado pela historiografia, o que empobrece a análise e desvirtua o uso da literatura como documento histórico.

No texto “O coronelismo em Goiás (1989-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e pela literatura”, Gracy Tadeu da Silva Ferreira demonstra a similaridade entre o coronel apresentado pela historiografia e o coronel representado na literatura regionalista goiana. Desse modo, a autora enumera os pontos comuns da análise historiográficas sobre o coronelismo:

- 1) todos os trabalhos apontam para o fato de a violência ser um elemento cotidiano nas relações sociais envolvendo o coronel e sua clientela;
- 2) os autores apresentam dados que confirmam diferenças socioeconômicas garantidas pro rígidos, e nem sempre explícitos, mecanismos sociais, entre coronéis e clientela;
- 3) os trabalhos de um modo ou de outro, realçam o fato de, em última instância, o coronel mandar e a clientela obedecer, já que ele poderia usar o ajuste (contrato de trabalho verbal) para dominar a clientela.⁶²

Segundo a autora, os aspectos levantados pela historiografia são os mesmos presentes nas obras regionalistas sobre o coronelismo. Ela aponta que no livro *O Tronco*,

No código cultural do coronel, a lei, a norma ganham outros significados, apresentam-se através do derramar de sangue, da “honra”, da violência, do dever cumprido, da obediência servil, da

⁶¹ ÉLIS, Bernardo. Rosa. In. ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 64-78. p.60.

⁶² FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. O coronelismo em Goiás (1989-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e pela literatura. In. CHAUL, Nasr Fayad. **O coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia: Editora Kelps, 1998. p. 45 -118. p. 85.

arrogância do potentado local. A lei para o coronel deve ser usada para satisfazer suas ambições.⁶³

O quadro apresentado pela autora, valendo-se das obras literárias, memorialistas e historiográficas, sobre o coronelismo em Goiás é tenebroso:

A prostituição envolvendo patrões com as chamadas “crias da casa”, enteadas ou mesmo filhas, era comum. O incesto é largamente mencionado nas obras literárias e nas descrições dos cronistas e viajantes que visitaram Goiás no século XIX e início do XX.⁶⁴

Essa mesma representação do coronel como um líder violento e arbitrário esta presente no artigo “Enxada: o trabalho na concepção do conto de Bernardo Élis”, quando os autores afirmam que

O mundo rural de Enxada representa-se no movimento coronelista do mandonismo, e detém recursos estratégicos e violentos do poder absoluto, pessoal e arbitrário. Tudo isso é possível porque a regulamentação de grande parte dos direitos – especialmente os direitos voltados ao trabalho - não eram executados e transferidos aos trabalhadores rurais.⁶⁵

De maneira similar, na dissertação, “História e Sociedade em Bernardo Élis: uma abordagem sociológica de o Tronco”, Cristiane Roque de Almeida percebeu que

Na narrativa de O tronco, os coronéis, conhecidos por transgressões diversas, manobravam os fatos, deturpavam os acontecimentos em proveito próprio, exercendo o poder sem limites legais.⁶⁶

Percebe-se que a historiografia acadêmica invariavelmente tomou a representação negativa do coronel, presente nos romances *O tronco* e *A Terra e as Carabinas* e em contos como a “Enxada”, como modelo de análise do coronelismo existente em Goiás, reforçando os argumentos de que se tratava de uma figura odiosa e desumana. Contudo, o que essas obras não perceberam é que esse apenas é um dos lados do coronelismo representado na literatura bernardiana.

O historiador Luís Palacin, no livro *Coronelismo no extremo norte de Goiás* mostra uma faceta do coronelismo, tomando como cenário a cidade de Boa Vista, muito

⁶³ FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. O coronelismo em Goiás (1989-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e pela literatura. In. CHAUL, Nasr Fayad. **O coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia: Editora Kelps, 1998. p. 45 -118. p. 95.

⁶⁴ Ibid., p. 105.

⁶⁵ ERAS, Lúgia Wilhelms; CAMARGO, Wander Amaral; ALVES, Vera Cepêda. Enxada: o trabalho na concepção do conto de Bernardo Élis. **Revista Trama**. Vo. 1, N. 2, 2005, p. 125-138. p. 127.

⁶⁶ ALMEIDA, Cristiane Roque de. **História e Sociedade em Bernardo Élis: uma abordagem sociológica de o Tronco**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFG, 2003. p. 77.

parecida com o que foi retratado por Bernardo Élis no primeiro tópico desse artigo. Homens prepotentes e sanguinários, como os coronéis Carlos Gomes Leitão, José Dias, Padre João, desafiaram as forças públicas e aterrorizaram o norte goiano: “o assalto indiscriminado às fazendas com o roubo, o assassinato, os requintes de sadismo.”⁶⁷ Contudo, o autor adverte que o seu estudo é um “caso-limite”: “a história de Boa Vista não pode ser considerada como uma história típica do coronelismo no Brasil, nem em Goiás, pela repetida incidência do conflito armado.”⁶⁸ A violência e arbítrio são típicos do coronelismo, mas isso não significa que fossem empregadas a todo momento.

A realidade histórica é complexa e a redutora fórmula do bem e do mal, do herói ou vilão, dos dominantes e dominados, não dá conta da complexidade do gênero humano. O coronel, em Goiás, longe de ser um monstro, uma anomalia moral, parece ter sido um homem parecido com a média de seus conterrâneos. Essa é a opinião, por exemplo, da historiadora Lena Castello Branco Freitas:

Em um estado agropastorial, impôs-se, paradoxalmente, o consenso de que os proprietários rurais eram – continuam sendo? – protótipos de arrogância, de ignorância e de insensibilidade social, além de expoentes de maldade e brutalidade.

Quem trava conhecimento, todavia, com antigas e tradicionais famílias goianas constata que esse perfil não condiz com as personagens reais, participantes da História, que são lembradas por seus descendentes como homens e mulheres fortes, destemidos, trabalhadores e éticos, enamorados de sua terra, desejosos de vê-la progredir e destacar no seio da federação brasileira.⁶⁹

A obra literária bernardiana corrobora essas duas visões do coronel, retratados ao mesmo tempo como “protótipos de arrogância, ignorância e insensibilidade social” e também como homens “fortes, destemidos, trabalhadores e éticos”. Essa ambiguidade pode ser decorrência da vivência do autor, criado em meio aos coronéis, alguns deles, seus parentes, amigos e vizinhos, mas que optou, ao filiar-se ao Partido Comunista, por um referencial teórico que repudia esse modelo de organização social. A ambiguidade da obra de Bernardo Élis reflete a própria ambiguidade da realidade, complexa o bastante para ser enquadrada coerentemente na teoria – no caso o marxismo - que o autor escolheu para explicar o mundo. Entre o bom e o mau coronel, o autor optou em

⁶⁷ PALACIN, Luis. **O coronelismo no extremo Norte de Goiás: o padre João e as três revoluções de Boa Vista**. Goiânia: Cegraf; São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 63.

⁶⁸ Ibid., p. 215.

⁶⁹ FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Poder e Paixão: a saga dos Caiado**. Vol. 1. Goiânia: Câne Editorial, 2009. p.15.

ficar com ambos, enriquecendo a sua análise da realidade histórica do coronelismo em Goiás.

RECEBIDO EM: 01/06/2016

APROVADO EM: 13/10/2016



www.revistafenix.pro.br